

A virada de chave no Semiárido pernambucano começa com a juventude empoderada



Larissa Silva de Oliveira, 27 anos, vive no Sítio Vermelho, em Vertente do Lério, desde os nove meses de vida. Junto à mãe, Gilda Pereira Silva de Oliveira, ao pai, Antônio Silva de Oliveira e aos dois irmãos Antônio e Danilo, se dedica com muito orgulho à agricultura familiar de base agroecológica. Desde a pandemia de 2020, a avó paterna, D. Iraci Maria Bezerra de Oliveira, se juntou à família no sítio, que é herança do avô paterno de Larissa.

Diferente de muitos jovens que vêm a cidade como lugar ideal para viver, ela confessa que morar num sítio é uma paz. “Quando eu não tinha noção das coisas eu dizia que queria ir morar na cidade, pensando que era um lugar melhor”. Com o tempo Larissa percebeu como o sítio era um lugar maravilhoso de viver e de construir um futuro. Quando sua família começou a ser assessorada pelo Centro Sabiá, “foi a virada de chave”, chegou o RAC/SAF (a tecnologia de Reuso de Águas Cinzas para o Sistema Agroflorestal), as cisternas e com ela uma nova visão de plantio, a agroecologia.

Segundo Larissa, no início não tinha a biodiversidade que tem hoje, a família plantava milho, feijão e palma. Com a assessoria começou a participar de alguns encontros e intercâmbio com outros jovens e procurou ter mais conhecimento, como o plantio consorciado e os perigos do uso dos agrotóxicos e das queimadas, que eram práticas realizadas anteriormente. “E com isso passamos a ter mais criação, porcos, galinhas, aumentamos a quantidade de bezerros e também o plantio, para nosso consumo e para os animais, principalmente o milho que a gente faz o silo”, complementa.

“Olha, para ter noção, antes era um silo só, agora temos três silos.. Aí dá para passar o verão inteiro até chegar no inverno.”

Jerimum, macaxeira, batata doce, banana, goiaba, maracujá, acerola, laranja, coco, pimenta, algodão são alguns dos produtos cultivados na nova fase da família, tudo de forma agroecológica. “Hoje temos as cisternas, primeira (16 mil litros) e segunda água (a cisterna calçadão), temos o RAC/SAF e isso tudo foi importante demais para plantar as frutas e aumentar a criação, agora temos duas vacas leiteiras, a gente faz o queijo, para consumo e o pessoal vem comprar também.”



Com a chegada das tecnologias e a mudança na forma de plantar, e porque não dizer de pensar a agricultura, Larissa e família observaram mudanças concretas. Sem as queimadas, os venenos e o trator, o solo rejuvenesceu. “A gente limpava queimando, colocava veneno, e não tinha muita fé na plantação consorciada, em cima do outro, eu dizia, vai dá certo não. Na minha cabeça tinha que limpar, deixar seco o verão inteiro, aí depois, no inverno, era passar o trator para soltar a terra e plantar de novo. Hoje a gente planta consorciado, uma diversidade e o solo está mais verde, bonito. É muita coisa assim que a pessoa aprende”.



A família mantém as sementes crioulas, utilizadas na plantação, armazenadas em seu banco de sementes. Os alimentos como frutas, macaxeira e jerimum são destinados ao consumo da família, enquanto a silagem, gravatá, palma, capim, bajes de algaroba e mandacaru são utilizados para a alimentação dos animais.

A comercialização dos animais é o principal meio de renda da família. São criados carneiros, bodes e cabras, porcos e galinhas. Através do Fundo Rotativo Solidário

(FRS) do Centro Sabiá, Larissa expandiu a criação suína com a porquinha Pandora, que produz cada barriga a cada três meses e três semanas. Sua primeira cria foi repassada para a comunidade para continuar o ciclo de solidariedade, e os outros filhotes são vendidos para complementar a renda de Larissa.

“A Virada de Chave” - Jovem tímida, quase nem falava. Assim a Larissa de hoje descreve a Larissa de alguns anos atrás. “Quando era pra falar assim pra todo mundo, até na escola, eu ficava nervosa, gaga, saia nada...”

Larissa foi convidada para participar do Encontro de Agricultores e Agricultoras Familiares em Triunfo. Foi com medo, era tímida demais, mas foi junto com a equipe do Sabiá, o que deu mais segurança. Depois desse encontro, Larissa participou de intercâmbio no Sertão, conheceu as agroflorestas, experiências e tecnologias e multiplicou os conhecimentos sobre o Roçado Comunitário que adquiriu para outros jovens e não parou mais, a partir daí integra a Comissão de Jovens Multiplicadores de Agroecologia (CJMA) até hoje.



“Antes de tudo isso eu era muito resistente, a mudar a forma de plantar, as coisas que eu pensava, resistente e tímida, eu nem falava na rua, nunca tinha ido em Caruaru e nem em Triunfo, nem viajar sozinha, mas esses encontros foram a minha virada de chave”.

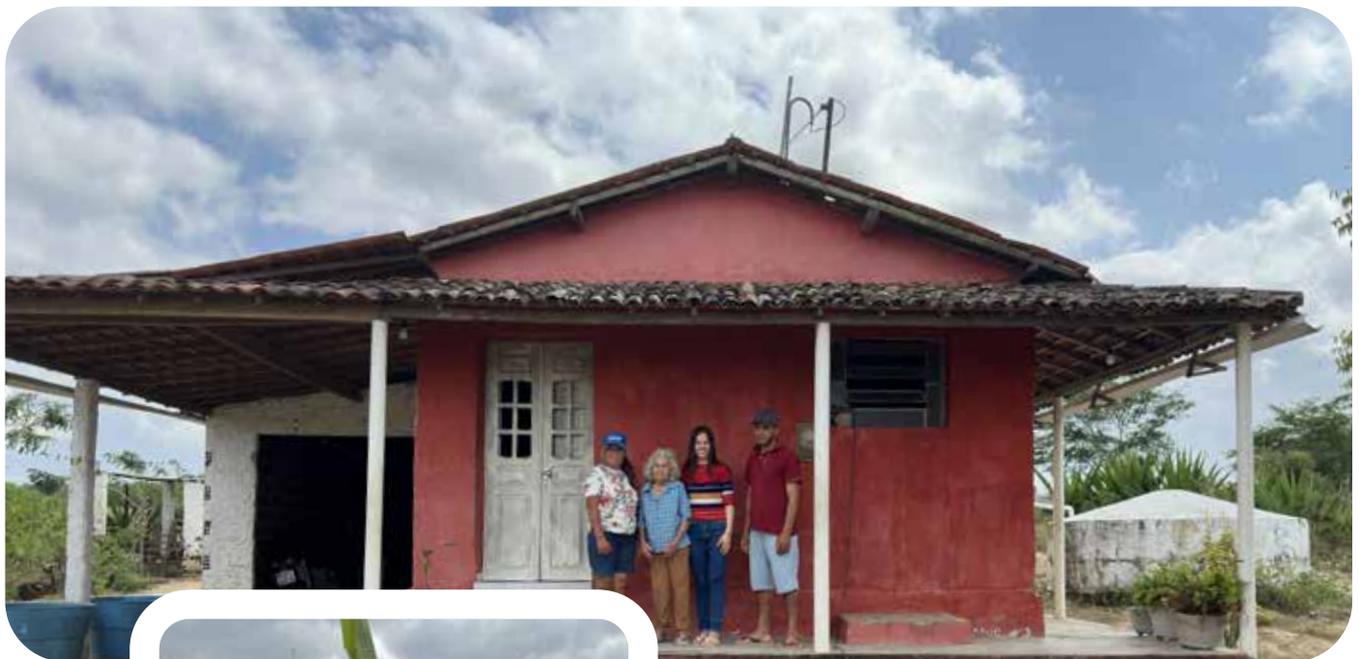
Participar desses encontros, dessas trocas mudou inclusive o pensamento de Larissa sobre sua própria profissão, sobre ser agricultora. “Eu achava que éramos todos uns pobres coitados, que não sabíamos falar, aí chego nesses encontros e vejo agricultores e agricultoras



falando bonito, e tinha agricultor estudado, que era advogado e eu fui olhando, ouvindo e mudando”.

Larissa começou a participar também dos grupos e reuniões da sua comunidade e município, e foi aí que veio o convite para participar da eleição do Conselho Tutelar de 2023 e foi eleita para o seu primeiro mandato. Larissa tomou posse como conselheira Tutelar do município de Vertente do Lério, no dia 10 de janeiro de 2024.

“Fui mudando, virando as chaves, no último encontro de jovens peguei o microfone e falei, as pessoas da comunidade também me incentivaram, fui abrindo a cabeça e hoje sou agricultora com muito orgulho, agora valorizo demais a agricultura, sou jovem com voz e conselheira tutelar, e vou crescendo, aprendendo, vencendo os medos, muitas vezes não é fácil, mas a gente precisa né”, nos contou a Larissa, que vem virando a chave da sua vida todos os dias, antes de da jovem agricultora colocar o uniforme do Conselho Tutelar e seguir para mais um dia de trabalho na rede de proteção a crianças e adolescentes do seu município.



ASSISTA AO
VIDEO AQUI

